



Análise da Dimensão de Género nos Recursos Educativos Digitais das Áreas da Literatura e Língua Portuguesas do Portal das Escolas

Ana da Silva – ESE, Instituto Politécnico de Santarém

Introdução

Para uma análise da dimensão de género dos recursos da área da literatura e língua portuguesas disponíveis online no Portal das Escolas relativamente ao uso de uma linguagem inclusiva e ausência de estereótipos de género, optámos por usar a funcionalidade “Pesquisa Rápida” por “Área Curricular” de todos os anos e níveis de educação (pré-escolar, ensinos básico e secundário), a nível nacional¹. Foram encontrados apenas 1 recurso na área “Clássicos da Literatura” (2769)² e 2 na área “Literatura Portuguesa”, dos quais um repetido na categoria anterior (2769 e 1730). Para a área “Literaturas de Língua Portuguesa”, os resultados são negativos: até à data da elaboração deste texto, não existem recursos nesta categoria.

Dada a escassez de recursos de literatura (apenas 2769 e 1730), optámos por analisar cerca de metade dos recursos acessíveis categorizados na área “Língua Portuguesa”. Esta área apresenta 222 recursos, mas, destes, 164 encontram-se inacessíveis por “problemas ao carregar a página” devido a “servidor não encontrado” em “nonio.eses.pt”³. O critério usado para seleccionar os RED da área “Língua Portuguesa”, em detrimento de outros, foi o facto de consistirem numa (ou integrem uma) história, livro ou obra cuja autoria ou supervisão se encontrava identificada, excluindo todos os RED de exercícios de língua/linguagem, como por exemplo palavras cruzadas, sopas de letras, identificação de sons, arrastamento de frases para figuras correspondentes, etc.

A área “Português” inclui até à data 44 recursos, mas só 11 estão acessíveis, por problemas relacionados com servidores⁴. Destes, seleccionámos apenas 3 (1575, 1725 e 1751)⁵. Nenhum RED de “Português – Língua Não Materna” foi objeto de análise, por se tratar essencialmente nesta área de exercícios de fonética e de léxico, ou de compreensão de expressões e frases/textos curtos.

A área “Linguagem e Cognição” apresenta 4 recursos dos quais optámos por analisar 1, porquanto consiste numa compilação de cinco histórias (1753).

Análise de Problemas de Género nos RED do Portal das Escolas

Segundo António Neto *et al.* (2000: 11), “os estereótipos de género incluem as representações generalizadas e socialmente valorizadas acerca do que os homens e mulheres devem «ser» (traços

¹ A pesquisa internacional nunca deu quaisquer resultados em nenhuma das áreas pesquisadas.

² Indicamos sempre entre parêntesis a referência do “Identificador” de cada recurso no Repositório (REPOSITÓRIOMEPT).

³ Estes recursos têm como localização principal o Projeto “Eu Sei” – Nónio Século XXI da ESE de Santarém, cujas hiperligações não foram ainda aparentemente adaptadas ao novo domínio da ESE de Santarém, que passou a ser “ese.ipsantarem.pt”.

⁴ 19 RED são do Projeto “Eu Sei” – Nónio Século XXI da ESE de Santarém (problema de domínio supramencionado) e 14 têm como localização principal “web.educom.pt”, igualmente com problemas que impedem de abrir os recursos. Estes RED parecem consistir essencialmente em exercícios de língua do tipo “palavras cruzadas” e “gramática”, tendo um interesse reduzido para a nossa análise. No caso, por exemplo, de exercícios de sintaxe, seria importante verificar que elementos (e conteúdos) ocorrem em posição de sujeito e de predicado, a fim de analisar aspetos relacionados com a visibilidade de ambos os sexos e eventuais situações estereotipadas.

⁵ Tivemos dificuldades em “abrir ficheiros” e “navegar” nos RED 1740, 1742, 1743 e 1745.

de género) e «fazer» («papéis de género»)", podendo estabelecer-se entre o ser e o fazer "uma rede de inferências recíprocas". São crenças e opiniões muito simplificadas mas socioculturalmente interiorizadas e assumidas sobre as características dos homens e das mulheres, que podem ser prejudiciais na medida em que contribuem para perpetuar os traços/atributos psicológicos e físicos e papéis de género da sociedade de domínio patriarcal, responsável durante séculos pela desigualdade, discriminação e opressão das mulheres.

Problemas ao nível de conteúdos programáticos e metas de aprendizagem

A Literatura Portuguesa é uma área crítica, uma vez que só inclui dois RED, dos quais um é claramente problemático na perspetiva da igualdade de género. "Literatura - Cultura Geral Cidadania e Sociedade, Português – Língua não materna" (2769), destinado ao ensino básico (2.º e 3.º ciclos) e secundário, é uma aplicação gráfica em Powerpoint composta por 28 perguntas cuja finalidade parece ser testar os conhecimentos de cultura geral em literatura portuguesa. Colocam-se perguntas tais como "Quem escreveu determinada obra da literatura portuguesa?"; "Quando foi essa obra publicada?"; no caso de peças de teatro, "Quando foi representada pela primeira vez?"; "Quem são as personagens principais/heróis?"; e ainda perguntas sobre locais de nascimento e outros empregos de escritores portugueses, etc. No mesmo diapositivo do PP, cada pergunta é seguida de três opções de resposta, sendo que no diapositivo seguinte se apresenta a resposta correta.

Todas as perguntas, sem exceção, se referem a escritores homens ou a obras escritas por escritores homens (de diversas épocas e quadrantes literários), parecendo que a literatura portuguesa não tem escritoras ou que, pelo menos, não são dignas de figurar entre os conhecimentos de cultura geral da literatura portuguesa. Talvez apenas da cultura particular, mas não há recursos que testem conhecimentos de "cultura particular". Se houvesse, pelo menos, esta invisibilidade das mulheres nos recursos digitais de literatura portuguesa seria mais visível.

Das 84 opções de resposta possíveis (28 perguntas, cada uma com 3 opções de resposta), apenas uma diz respeito a uma escritora (embora a resposta esteja errada): trata-se de Natália Correia, na pergunta número 5: "Quem escreveu «Uma abelha na chuva»?"; sendo as outras opções de resposta "Carlos Oliveira" e "Almada Negreiros". Esta pergunta encontra-se repetida no Powerpoint, já que a pergunta número 2 é a mesma (sem aspas no título da obra e com letra maiúscula), tendo como opções de resposta apenas escritores homens ("Carlos Oliveira", "Miguel Torga" e "Vergílio Ferreira". Ou seja, a pergunta número 5 parece ser um lapso por parte do autor do recurso, já que repete a pergunta número 2.

No que respeita às perguntas e respetivas opções de resposta sobre personagens de obras escritas por homens, também todas as perguntas, à exceção de uma, dizem respeito a protagonistas de sexo masculino. A única exceção é a pergunta número 22: "Como se chama a mulher do Manuel na peça «Felizmente há luar»?". Rita, a única mulher personagem referida neste recurso digital, não existe como mulher *tout court*, mas como "mulher" de um homem. Leva-nos a crer que, se a personagem destacada tivesse sido Matilde, ela não apareceria neste recurso digital pela sua coragem e luta, mas por ser esposa de Gomes Freire.

Ainda a respeito do escritor Luís de Sttau Monteiro, a pergunta número 15 é dedicada à profissão do pai do escritor ("professor", "pintor", "embaixador"?), mas em parte alguma deste recurso se pergunta a profissão da mãe de nenhum escritor ou se faz qualquer outra pergunta relativamente às mães dos escritores, nem por exemplo nos casos de Aquilino Ribeiro ou Fernando Pessoa cujas mães tanta importância tiveram nas suas vidas.

Este recurso é infelizmente o único que integra a área Clássicos da Literatura, estando ainda disponível nas áreas Língua Portuguesa, Português e Português – Língua Não Materna. Curiosamente outros clás-

sicos da literatura portuguesa, também todos homens, “Sebastião da Gama” (1657), “Fernando Pessoa” (1655 e 1654) e Luís de Camões (2774) não se encontram classificados nesta categoria, mas apenas na “Língua Portuguesa”.

Problemas de (in)visibilidade do sexo feminino

Há recursos, como acontece com “Vamos Escrever” (1725) de projetos de escrita interativa, em que há uma sobrerrepresentação de homens em imagens indutoras de escrita ou de outro tipo de desafios propostos. Neste recurso, as imagens de desportos retratam homens para o atletismo, o futebol, o surf e o hóquei em gelo e mulheres (fotografadas de costas) apenas para o esqui, sendo que a imagem do para-quedas não permite identificar o sexo.

No poema “Meninos de Todas as Cores” de Luísa Ducla Soares (1606), destinado ao 1.º ciclo, há apenas uma menina a representar uma das cinco “cores” dos seres humanos (Flor de Lótus representa a cor amarela). Todas as outras “cores” são representadas por meninos (Miguel, Lumumba, Pena de Águia, Ali Bábá).

Diferentes formas de tratamento para homens e mulheres

No livro digital com a supervisão de Carlos Correia, sobre o perigo de incêndio, *Incêndio no Paraíso* (1721), destinado aos 2.º e 3.º ciclos, duas turmas de uma escola vão acampar nas férias da Páscoa. A narrativa é contada na primeira pessoa pela personagem principal: um rapaz chamado Miguel.

O “núcleo duro” deste grupo de 37 campistas é composto por 2 rapazes e 1 rapariga, cujas alcunhas não deixam dúvidas em relação à posição subalterna da personagem do sexo feminino: Miguel, o Fogachinho; João Marques, o Fogachão; Ana Isabel, a Fogachita. O protagonista tem direito a palavra composta hifenizada tendo como segundo elemento a marca da sua superior situação de autoridade no grupo de campistas e na narrativa. Das palavras derivadas por sufixação a partir de “fogachinho”, o aumentativo (“ão”) é atribuído ao rapaz e o diminutivo (“ita”) à rapariga. Esta assimetria linguística vem reforçar a assimetria da imagem da capa em termos de representação de ambos os sexos (1 rapariga, 2 rapazes) e a assimetria narrativa que coloca a rapariga (Ana Isabel) no papel de principal responsável pelo incêndio, pois foi ela que pôs “as carreirinhas de pólvora muito perto da caruma”.

Relativamente ainda a um tratamento linguístico desigual de personagens femininas e masculinas, veja-se em “João Ratinho e a Doninha” de “Histórias para que vos quero?” (1753), como a personagem masculina João Ratinho tem direito a possuir nome próprio formado por dois substantivos (mesmo que o segundo seja criado a partir do nome comum “rato”), sempre identificado através do uso de letra maiúscula. O mesmo não acontece com a personagem feminina: o seu nome reduz-se ao substantivo “doninha”, tratado como comum quando não usada a letra maiúscula. Não apenas na versão tradicional, mas também nas atividades para explorar a história, como na transcrição da história contada por Ângelo Torres (no vídeo acima analisado), inspirado na versão de José Leite de Vasconcelos (1963, *Contos Populares e Lendas*. Vol. 1, Conto 60, pp. 67-70), o nome da Doninha ocorre sempre com letra minúscula, sendo relegado para um estatuto inferior de “simples animal falante” daquela espécie, em vez de, à semelhança do “rato” que casa com ela, ter direito a um verdadeiro estatuto de personagem protagonista da história. A adaptação da transcrição do texto oral a texto escrito é o único documento deste RED que lhe dá esse estatuto ao usar, como deve ser, letra maiúscula no nome da personagem feminina (embora haja um lapso logo no início do texto: “O que é mamã? _ Respondia a doninha”).

Apesar de esta história ter um final em que a mulher desobedece ao homem que manda nela e a maltrata, acabando o homem por morrer de “chateado” por ela estar a dançar, em vez de lhe trazer o pequeno almoço, trata-se de uma história que contém muitos estereótipos de género e formas diferentes de tratar linguisticamente as personagens femininas e masculinas.

Problemas relativos à partilha de tarefas domésticas da vida familiar

“João Ratinho e a Doninha” de “Histórias para que vos quero?” (1753), quem varre e arruma a casa, lava os pratos, é a mãe, que, por sua vez, pede ajuda à filha. Para este tipo de tarefas domésticas, o marido da mãe e eventuais irmãos da filha estão ausentes. A filha escusa-se a realizar as tarefas não por se revoltar contra uma injustiça que recai nas mulheres, mas por ser preguiçosa (e, é claro, sobretudo as mulheres não têm desculpa para este defeito). O que é certo é que toda a gente fica contente com a morte do João Ratinho, não tanto por ele ter o defeito de ser guloso, mas por também ele ser preguiçoso e não fazer nada em casa. É a Doninha que faz a comida e que vai às compras.

O Banho e o Duche (1669), recurso validado destinado ao Pré-Escolar e 1.º Ciclo do EB, é uma história de um menino que não queria tomar banho. As figuras cuidadoras do menino são ambas mulheres (a mãe, que lhe dá banho, e a avó, que lhe conta histórias e o deita à noite). As atividades propostas encorajam a escrever um texto sobre a temática do duche e do banho, a melhorar o texto e a publicá-lo numa secção intitulada “Os Livros da Malta” da Biblioteca de Livros Digitais do Plano Nacional de Leitura (PNL). Os estereótipos repetem-se nos textos produzidos pelas crianças e publicados em “Os Livros da Malta”, como por exemplo acontece com o texto “Ábaixo o banho” de Manuelito Manelito (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/elivro.php?id=banhoeduche&vid=184>) que se refere à figura da mãe como cuidadora da criança (põe sais na água do banho do filho), ao passo que a figura do pai aparece no texto como cuidador de si próprio (põe perfumes caros e faz a barba). Seria interessante fazer uma análise dos textos de “Os Livros da Malta” na perspetiva de uma comparação entre os conteúdos dos textos assinados por raparigas e por rapazes.

O recurso “Webquest: (bem) argumentar é (bem) convencer” (1575), destinado aos 10.º e 11.º anos, propõe uma atividade de produção de texto argumentativo com base na estrutura de imagens publicitárias apresentadas. Uma das imagens é um anúncio publicitário ao azeite e retrata um filho jovem (do sexo masculino) abraçado à sua mãe. A acompanhar a imagem, pode ler-se: “E a nossa mãe será sempre a mais bonita.../Há coisas que não trocamos por nada./A nossa maneira de comer é uma delas. E quem é que melhor sabe o que nos faz crescer de forma saudável? Quem é que se preocupa com a nossa alimentação?/É sempre ela, a mãe mais bonita do mundo./Ela sabe o que é bom para nós./Por isso continua a preferir o azeite./E nós a confiar na sua escolha.”

Problemas relativos aos traços de género e à partilha de poder entre homens e mulheres na vida familiar

Em “João Ratinho e a Doninha” de “Histórias para que vos quero?” (1753), diz-se “a criada da rainha”, mas logo a seguir afirma-se que esta criada vai “à fonte do rei” (no “palácio do rei”) fazer o pequeno-almoço “do rei”. No final da história, como a criada não faz o pequeno-almoço, o rei grita com a rainha e ordena-lhe que seja ela a trazer-lhe de comer. Como esta se revolta contra os gritos do rei e se põe a dançar e a contar a história do João Ratinho e da Doninha, o rei enfurece-se com a sua levandade e desobediência e acaba por morrer assado no fogão.

É, de facto, um final merecido (redentor?) para quem “manda” nas mulheres, grita e se enfurece com elas quando não “obedecem”. Será todavia esta a linha de interpretação da explorada nas escolas pelos

professores e professoras que usam os RED do Portal das Escolas? Talvez, mas, das atividades propostas para docentes trabalharem a história com as suas turmas, nenhuma incita inequivocamente a tal, talvez apenas a atividade número 2 para “Testar a Memória”, mas também esta atividade não escapa à estereotipia de género. A atividade visa permitir às crianças reescrever a história com indutores de escrita do tipo “Se a doninha não fosse preguiçosa... (outras propriedades, boas e más)” e “Se o João Ratinho não fosse guloso... (outros procedimentos, ações, escolhas)”. Veja-se como se induz as crianças a inventar “procedimentos, ações e escolhas” para a personagem masculina (estereótipo do dinamismo, da ação, do poder de decisão e autoafirmação) e “propriedades” (estereótipo da passividade) para a personagem feminina.

Um simples RED de exercícios de gramática como “Adjetivos” (744), destinado ao 2.º ciclo, pode conter problemas de género. Este exercício de colocação de adjetivos num texto é baseado na narrativa apresentada no RED 742 (validado), na qual a dedicada esposa coelha faz tudo o que o marido lhe diz, inclusive bater nas crianças (“Tabefe para a esquerda, tabefe para a direita e os laparotos desataram a chorar. Tudo para bem deles”), sem nada questionar, sem refletir sobre alternativas para proteger a sua ninhada das garras do leão (que por sinal também é macho). Já que o exercício incide sobre adjetivos, digamos que o coelho é “esperto” e a coelha uma esposa “dedicada” (o coelho engendra a genial ideia do plano para enganar o leão e a coelha concretiza-o batendo nos “laparotos” conforme lhe manda o coelho); o coelho é “veloz a correr e a pensar” e a esposa nem tem tempo para pensar, porque está cansada de cuidar da ninhada (“repetia a coelha, já com o pelo em pé de tanto os aturar”).

Mais diretamente relacionado com estereotipia de traços de género, o recurso de Língua Portuguesa e Matemática “Ciência a Brincar- Descobre a Matemática! O Príncipe indeciso” (963), destinado à Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, é uma atividade de exploração do hexágono suportada pela leitura de uma história na qual um príncipe do reino da Hexolândia vai escolher entre seis princesas da Disney que correspondem aos lados do hexágono (poderia ser uma princesa a escolher um príncipe, ou haver dois exercícios/histórias diferentes com as duas alternativas: príncipe escolhe princesa e princesa escolhe príncipe).

Cada uma das princesas tem um “senão” para dar a entender que a escolha do príncipe é difícil. Vejamos, então quais são os defeitos das “mais lindas e delicadas” da Hexolândia: uma mulher não pode dormir demais (Aurora); não pode fugir de casa (Branca de Neve); não pode desaparecer sem avisar nem perder coisas (Cinderela); não pode ter pessoas amigas das quais nunca se separa (Doroteia e Esmeralda); não pode ser feia, nem sentir vergonha por sê-lo (Fiona). Se quisermos levar o raciocínio mais longe, poderíamos talvez pensar: 1) que todos esses “defeitos” podem até ser aceites num homem (mas nunca numa mulher, sobretudo quando se trata de escolher essa mulher para esposa); 2) que, se as características apontadas são defeitos, as “qualidades” das princesas talvez sejam: não existir até que um príncipe a venha acordar e, depois de acordar, viver só em função Dele (Aurora); fartar-se de limpar a casa, cozinhar e cuidar dos homens que se portam como crianças (Branca de Neve); passar a vida a lavar pratos e a dançar em grandes festas (Cinderela); gostar de fogo e de dragões (Doroteia); acabar por se casar com um belo príncipe desenxabido, porque “o outro” não é fisicamente belo (Esmeralda); preferir a condição de mulher feia e ter muitos filhos parecidos com o pai (Fiona).

Problemas relativos aos estereótipos relacionados com profissões

A atividade número 2 para “Testar o Léxico” de “João Ratinho e a Doninha” (1753) incide sobre as profissões, devendo as crianças identificar os instrumentos de trabalho e atividades de cada profissão. Os exemplos apresentados não poderiam ser mais estereotipados: “costureira” e “cabeleireira” são apresentadas como profissões exercidas por mulheres e “serralheiro” como profissão exercida por homens. Veja-se que a profissão nomeada na história, tanto na transcrição como na adaptação a texto escrito, se encontra sempre no masculino: a Doninha diz “Vou a uma boa costureira, faço um belo vestido, vou

a um bom cabeleireiro, faço um belo penteado”. Então, por que razão, na atividade número 2, em vez de “cabeleireiro” (vocábulo usado nos textos em análise), se usa “cabeleireira” no feminino?

Embora não se consiga abrir o recurso “Profissões (416) do Projeto “Eu Sei” – Nónio Século XXI da ESE de Santarém, destinado ao 1.º Ciclo, pela imagem que publicita, percebemos que a Rita vai ser um “palhaço famoso” (repare-se que não tem direito ao substantivo e adjetivo no feminino “palhaça famosa”), o Lourenço vai ser cavaleiro, a Mariana será princesa e o Max gostava de ser engenheiro. Há claramente uma diferença de estatuto social das profissões que são atribuídas às raparigas e aos rapazes, e é questionável considerar “princesa” uma profissão. A grande maioria dos RED do Projeto “Eu Sei” – Nónio Século XXI da ESE de Santarém são ilustrados com imagens de bonecos do sexo masculino, mas o RED “Cozinhados com Vinho do Porto” apresenta um boneco mulher na cozinha.

Problemas relacionados com estereotipia de papéis de género

Na perspetiva de género, o recurso “Amigos Estrangeiros” (1680), validado e destinado ao 3.º Ciclo e Ensino Secundário é um texto sobre rapazes que jogam futebol. Neste mundo de “homens”, tenta-se desajeitadamente introduzir algumas personagens femininas que não são indispensáveis nem à trama narrativa, nem à trama argumentativa (relacionada com o racismo), e que poderiam perfeitamente ser também do sexo masculino, porque são tratadas como raparigas “excepcionais” por jogarem rãguebi numa equipa feminina. Ou seja, as raparigas podem jogar rãguebi, mas tratar-se-á sempre de uma exceção à regra (o normal é o rãguebi e o futebol serem desportos de homens).

Num dos episódios do texto em que um rapaz “investe” contra “o chamado «sexo fraco»(...)”, uma das raparigas “placou [-o] com uma gravata à cintura e afundou-lhe o pé nas partes machas”. Ou seja, as personagens são apresentadas mais como “marias rapaz” do que como raparigas: para se afirmarem, dão aos rapazes pontapés no sexo (Joana Melé), murros e estalos (Ritinha Dinamite).

Neste texto, incomoda ainda mais a reação do público a este espetáculo: “A arte da atleta [a Joana Melé] deliciou o público que aplaudiu delirante”. Temos alguma dificuldade em perceber que a este livro tenha sido atribuído o ícone (V) de validação, porque há de facto “estereótipos ou problemas de género” e talvez também “conteúdos que incitem à violência” de género ou à violência em geral.

A atividade de exploração deste RED deu origem a 17 textos escritos por adolescentes publicados nos “Livros da Malta”: excetuando 2 em que não é possível identificar se são assinados por rapazes e raparigas, 11 são assinados com nomes de rapazes e apenas 4 com nomes de raparigas. Ao passo que vários os textos de rapazes estão diretamente relacionados com a história “Amigos Estrangeiros” (como por exemplo o texto de João Vieira sobre ídolos de futebol e o de Miguel Reboxo sobre Wrestling, por sinal bastante violento, “Booker T. ficou enconchiente”; “e ele fica todo a sangrar inconchiente”), é significativa a reação das raparigas cujos textos são: uma história de Natal (Hayanne Lins), uma história de uma feiticeira que desconhecia a sua magia (Mariana Pedrosa), um poema sobre o amor (Cata V.), um poema sobre a amizade (Quinita).

Problema do uso sistemático do masculino genérico ou falso neutro⁶

A função de referência genérica do masculino no sistema gramatical de género faz com que o sexo masculino seja a medida do humano: os alunos, os meninos, os professores, os escritores, etc. Daqui

⁶ BARRENO, Maria Isabel (1985), *O Falso Neutro*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.

resulta a invisibilidade do sexo feminino na linguagem. Esta sub-representação linguística do feminino nos RED é muitas vezes reforçada por uma sub-representação nas ilustrações que os acompanham, como acima se referiu no caso dos recursos do Projeto “Eu Sei” – Nónio Século XXI da ESE de Santarém. Todos os RED do Portal das Escolas fazem uso sistemático do masculino genérico (excetuando um que veremos abaixo): veja-se a título de exemplo: 1606 (“os meninos de todas as cores” referindo-se o poema às crianças em geral); 1753 (“os contadores”, “os alunos”, “o narrador” nas observações da transcrição do conto oral); 1669 (nas atividades e regulamento: “os teus amigos”, “os utilizadores”, “o autor(es)”, “o Direito de Autor”).

Desde a recomendação n.º R (90) 4 do Comité de Ministros aos Estados-membros sobre a Eliminação do Sexismo da Linguagem, adotada em fevereiro de 1990, que se tem vindo a alertar cada vez mais para a absoluta necessidade de respeitar o requisito de uma linguagem explicitamente inclusiva do feminino e do masculino, tanto na administração pública, como na comunicação social, na educação, etc.

Um dos objetivos do III Plano para a Igualdade foi “promover a igualdade de género na linguagem”, criando “parcerias com instituições relevantes na área da linguística para promover formas de utilização da gramática portuguesa, a atualização dos conceitos de homem e mulher e identificar as possibilidades de uma nova gramática inclusiva do género.” (Resolução do Conselho de Ministros n.º 82/2007, de 22 de junho). Esta nova gramática não se fará sem que as professoras e professores se preocupem em desenvolvê-la na sua pedagogia e respetivos recursos educativos.

Um bom exemplo e recomendações

O único RED em que é uma representação não estereotipada na perspetiva de género é talvez o livro digital “O bebé que... não gostava de televisão” de Rui Zink, com ilustrações de Manuel João Ramos (1673), destinado ao 1.º Ciclo, que é uma história sobre um menino que não gostava de televisão, porque a mãe e o pai não lhe davam a atenção que ele queria.

Tanto a mãe como o pai assumem a figura de cuidadores/educadores do bebé, ambos realizam as mesmas tarefas/atividades em casa. Por exemplo, sentam-se ambos a ver TV (“Podia ser uma coisa do pai. Podia ser uma coisa da mãe”), ambos se zangam com o bebé quando necessário. Embora Rui Zink use o substantivo masculino plural “pais”, há 5 ocorrências do paralelismo alternativo “pai”/“mãe” (“O pai e a mãe estavam muito preocupados”; “O bebé dava a mão à mãe, ao pai”; “Então, a mãe”/“Então, o pai”; “O pai, a mãe” – 2 ocorrências). O texto de Zink termina com a ideia de “felicidade” familiar, só conseguida com a mãe e o pai “lado a lado”, em conjunto. Todavia, a imagem de João Manuel Ramos acaba por entrar em contradição com o texto ao introduzir um “problema de género”: em vez de representar a mãe ao lado do pai, representa o pai em primeiro plano (ocupando quase todo o sofá de tão abertas as pernas), agarrando no bebé com o braço direito e a mãe com o braço esquerdo, relegando o sexo feminino para um estatuto subalterno de criança que precisa de ser protegida pelo sexo masculino. É uma opção, consciente ou não, mas é pena.

Relativamente a recomendações sobre linguagem inclusiva, o “Guia para uma linguagem promotora da igualdade entre mulheres e homens na administração pública” dá muitas sugestões práticas de procedimentos para uma prática não discriminatória da linguagem.

Quanto a recomendações, sugere-se a exploração da coleção dos Cadernos Co-Educação da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres e os recentemente publicados Guiões de Educação Género e Cidadania da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Expectativa

Queremos acreditar que, com a intervenção ativa de docentes que vão fazendo o seu caminho nas suas escolas e a participação de equipas atentas e avisadas de validação de recursos, seja possível desenvolver de forma consciente e deliberada modelos educativos alternativos mais justos e menos discriminatórios, que verdadeiramente reconheçam o valor das diferenças de ambos os sexos e, dentro de cada sexo, o valor das diferenças entre as pessoas, naquilo que têm de único e especial.

Referências Bibliográficas

Abranches, Graça (2009) *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Abranches, Graça; Carvalho, Eduarda (2000) *Linguagem, poder, educação: o sexo dos B, A, BAs*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (Cadernos Coeducação).

Araújo, Helena; Henriques, Fernanda (2000), "Política para a Igualdade entre os sexos em Educação em Portugal – Uma aparência de realidade", em Teresa Tavares e Virgínia Ferreira (orgs.), *Ex æquo*, n.ºs 2/3, Oeiras: APEM – Celta Editora, pp. 141-151.

Cardona, Maria João (Coord.) (2010). *Guião de Educação Género e Cidadania, Pré-Escolar*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Carvalho, Maria Manuela (1998). *Linhas de acção a favor da igualdade para rapazes e raparigas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Comissão da Condição Feminina (1983). *Actividades para uma educação não sexista: sugestões para o ensino pré-primário*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina.

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (2008). *III Plano Nacional para a Igualdade 2007-2010. Cidadania e Género*. Lisboa: CIG.

Dirección General de la Mujer – Comunidad de Madrid (2003). *Arrinconando Estereotipos en los Medios de Comunicación y la publicidad*. Dirección General de la Mujer. Consejería de Trabajo. Comunidad de Madrid: Madrid.

Neto, António. et al. (1999). *Estereótipos de género*. Cadernos Coeducação. Lisboa: CIDM.

Pinto, Teresa (Coord.) (2010). *Guião de Educação Género e Cidadania, 3.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Romão, Isabel (1989). *Actividades para uma Educação Não Sexista. Sugestões para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina.

Silva, Ana da et al. (1999), *A Narrativa na Promoção da Igualdade de Género. Contributos para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: CIDM.

Tarizzo, Gisela B. e Marchi, Diana de (1999), *Orientação e identidade de género: a relação pedagógica*, Cadernos Coeducação, Lisboa: CIDM.

Trigueros, Teresa (1999), *Identidade e género na prática educativa*, Cadernos Coeducação, Lisboa: CIDM.

VIEIRA, Cristina (2006) *Educação familiar: estratégias para a promoção da igualdade de género*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

